

## Angola 1961-63 – a lenda do “Mata Alferes”

António Fernandes, mestiço angolano, até meados da década de 1950 residiu na Muxima, integrando ‘safaris’ como caçador de elefantes e pacaças na Reserva da Quiçama.

Em seguida trabalhou como mecânico em Luanda onde, antes de Set57, foi aliciado por Viriato da Cruz a aderir ao PCA, frequentando células clandestinas de endoutrinação e distribuindo panfletos, até ser incorporado no RI de Luanda. Ali fez a recruta e a especialidade de atirador.

Veio à Metrópole e participou no “Troféu Salazar”, organizado pela EPI-Mafra no Campo de Tiro da Serra da Carregueira, tendo sido pelo PM agraciado com uma espingarda *Mannlicher*, como melhor atirador.

Regressado a Luanda, concluiu o seu tempo de serviço militar no Exército e passou à disponibilidade.

Durante as rusgas de 29Mar59, foi detido pela PIDE e enquanto permaneceu na cadeia, aliciado por António Jacinto do Amaral Martins a aderir ao PLUA.

Em 12Nov60 foi abrangido por uma amnistia e com outros libertado.

Passou a viver de biscates e, regressado à sua residência no muceque Rangel, foi integrado numa das células clandestinas de ‘agit-prop’ suburbana “anticolonialista”.

Nas madrugadas de 04 e 11Fev61, participou nas tentativas de assalto à Cadeia de São Paulo.

Seguidamente, refugiou-se na região da Funda e semanas depois na área de Quibaxe.

A partir de 14Mar61, ali tomou parte na eclosão terrorista.

Decorrido menos de um mês foi contratado, por um emissário pessoal de Robert Aldane (*aka* Holden Roberto), como ‘sniper’ da UPA, acompanhado do 39 (um ex-soldado negro), usando inicialmente uma carabina .22-Long por ele obtida entre despojos de uma das fazendas que ajudou a depredar durante o mês de Março.

Actuando como atirador furtivo, principalmente nas imediações do itinerário Quicabo-Nambuanguongo-Zala, atingiu mortalmente os seguintes comandantes de pelotão, cada qual com um único projectil disparado de longa distância:

- em 29Set61, na picada entre Quissacala e a Fazenda Beira Baixa, o alferes miliciano atirador **José António Barrilaro Fernandes Ruas**, comandante de pelotão da CCac117; (Med. VM Prata c/palma, título póstumo);
- em 02Jan62, entre o rio Vêmbia e a Pedra Boa (próximo de Nambuanguongo), o alferes de infantaria **Casimiro Augusto Teixeira**, comandante de pelotão da CCac103; (CG. 3ª classe, título póstumo);
- em 05Fev62, na picada do Muxaluando para Caiengue (a 6km da Fazenda Beira Baixa em direcção a Águas Belas), o alferes de infantaria **Helder Luciano de Jesus Roldão**, comandante de pelotão da CCE270; (Med. VM Prata c/palma, título póstumo);
- em 23Jun62, após 13km do Quixico na direcção de Nambuanguongo, o alferes miliciano de transmissões de infantaria **Paulo Freitas de Barros**, da CCS/BCac159;
- em 30Jul62, perto da antiga Missão Protestante na picada da Fazenda João Marques em direcção a Canacassala, o alferes miliciano atirador **Rui Manuel Pereira Retorta**, comandante de pelotão da 11°CacEv/RINL adida ao BCav350; (Med. VM Ouro c/palma, título póstumo);

Em consequência, naquela selva angolana dos Dembos setentrionais, as tropas em operações cessaram o uso de quaisquer distintivos de patente militar.

E a cabeça do “mata-alferes”, foi desde então posta a prémio pelas autoridades portuguesas.

No entanto, aquele mercenário causou ainda outras duas baixas nas NT:

- em 25Jan63, na picada de Nambuanguongo para o Muxaluando, o soldado sapador **Fernando João das Dores**, do PelSap-CCS/BCav399, mortalmente atingido na testa, por um projectil disparado de longa distância;
- e em 15Fev63, na picada do Muxaluando perto da mata do Quicunzo e aquando de regresso ao aquartelamento no Mucondo, também o alferes miliciano **Joaquim José Machado Ferrão**, comandante de pelotão da CCav351.

– «Houve na zona dos Dembos um caçador de elefantes, africano, um homem com uma pontaria extraordinária, que tinha sido soldado do Exército português e tinha vindo cá à Metrópole, integrado numa equipa de Angola, para concorrer ao Troféu Salazar, uma prova de tiro em Mafra. Esse homem, especialista no tiro, tinha um séquito atrás dele, à boa maneira africana, que lhe transportava as armas. Ele tinha por missão arranjar locais propícios e actuava como franco-atirador. Nos sítios onde a tropa passasse, ou um grupo de combate fosse numa operação qualquer, ele apontava para os chefes e matava-os. Houve um período em que morreram uma série de alferes na zona dos Dembos e que toda a gente dizia que era ele, que era o “Mata-Alferes” como passou a ser chamado. Nós andávamos todos vestidos de igual, mas ele estava sempre à espera de um indício que definisse um chefe, um grito ou um gesto. A tal ponto isto se tornou perigoso que houve instruções rigorosas, a nível de todas as unidades que andavam por ali, para que os sargentos, os alferes e os comandantes dos grupos de combate evitassem demonstrações que os referenciassem como um chefe, tal como as tropas. Uma tropa dessas já muito bem industriada nessas medidas, e com códigos para se tratarem uns aos outros, caiu numa emboscada, reagiu à emboscada de imediato, internaram-se no mato fechado, houve tiroteio. Houve um soldado que, no meio daquele mato para lá da picada, olhou para o chão e viu uma carteira cheia de dinheiro. No meio dos tiros, viu o sargento e disse: “Meu sargento, olhe o que eu encontrei”. E o sargento disse: “Guarda-a, meu alferes”. Mas não lhe aconteceu nada. Aquilo foi um período em que uma série de comandantes de grupos de combate foram mortos sem emboscadas, era uma coisa pontual. E criou-se ali uma zona de uma certa instabilidade durante uns tempos, mas depois passou.»<sup>1</sup>

Até que, finalmente, no decurso da Op Todos na Brecha, em 19Ago63 a “central da FNLA” no Quizacasa foi tomada de assalto pelas NT e o ‘sniper’ António Fernandes liquidado.

<sup>1</sup> (António Francisco Martins Marquilhas, oficial de cavalaria, em 06Jun-05Dez62 instrutor de GrCmds no CI21-Zemba; cf s/depoimento em 27Set94, publicado em “A Guerra de África”)